



ELIANE REGINA PEREIRA

# ENTRE PALAVRAS E AFETOS:

CONVERSAS DE MÃE E FILHO



Pedro & João  
editores

Entre palavras e afetos:  
conversas de mãe e filho



Eliane Regina Pereira

Entre palavras e afetos:  
conversas de mãe e filho

**Copyright © Eliane Regina Pereira**

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos da autora.

---

Eliane Regina Pereira

**Entre palavras e afetos: conversas de mãe e filho.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. 102p. 16 x 23 cm.

**ISBN: 978-65-265-1646-1 [Digital]**

1. Maternidade. 2. Afeto. 3. Reflexões. 4. Conversas. I. Título.

---

CDD – 800

**Capa:** Luidi Belga Ignacio

**Ficha Catalográfica:** Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

**Diagramação:** Diany Akiko Lee

**Editores:** Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

**Conselho Editorial da Pedro & João Editores:**

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patricia da Silva (UERJ/Brasil).



**Pedro & João Editores**

[www.pedroejoaoeditores.com.br](http://www.pedroejoaoeditores.com.br)

13568-878 – São Carlos – SP

2024

Para Pedro por me convocar a muitas prosas.



Maternidade é um exercício cotidiano. Muitas vivenciam a maternidade sozinhas, com ou sem rede de apoio, o que torna tudo muito mais difícil. Há uma rotina exaustiva no cuidado, no levar e trazer, no pensar e preparar a comida, no acompanhar as tarefas escolares, no tempo no parquinho, nas festinhas de aniversário, nas idas ao médico e ao dentista, nas mil e uma vezes que a palavra mãe é repetida.

Há um cansaço no cuidado e um cansaço na falta de tempo para si mesma, para uma noite inteira de sono, para um banho sem uma criança chamando, um almoço ou uma ida ao banheiro sem interrupção. Mas eles crescem e isso passa, pelo menos para mim passou. Hoje o que tenho é parceria, que ainda exige cuidado, mas um cuidado muito diferente.

A maternidade me fez uma mulher melhor.

Ouvi alguém dizer que a gente cria filhos para o mundo e fiquei pensando sobre o que isso significava exatamente.

Criar para o mundo é cuidar com liberdade, dando ao outro a chance de se expressar, de ser dono de suas escolhas, de ser livre para ir e voltar, sabendo que pode voltar, que você é lar. Que o lar suporta suas vulnerabilidades, que o lar te impulsiona a ir, que o lar te permite ser. Que o lar não diz “cuidado não vá”, o lar diz vá, arrisque-se, cuide-se e se precisar estou aqui.

Entendo que isso é amor. Querer para o outro o melhor, mas sabendo que ele é quem escolhe o que é melhor. A medida é dele e não nossa. O amor amplia nossa existência. O amor não sente ciúmes porque sabe que não tem a posse do outro. O amor fica feliz com as conquistas do outro. O amor diz vá e vá mais longe, descubra-se indo.

Pedro é meu filho e eu o amo. E aprendi sobre o amor o amando e sendo amada por ele.

Apesar de ser psicóloga e professora universitária, este não é um livro técnico sobre educação de filhos, sobre maternidade e, menos ainda, sobre a infância. É um recorte de muitas conversas e do muito que aprendo conversando com Pedro nesses nossos 15 anos. É um livro sobre mim e sobre meu filho. Sobre nossa relação.

É um livro sobre afeto no mais genuíno encontro Espinosano: encontro com aumento de potência.

Este é um livro-regalo que escrevo, desejando que ele leia quando crescer e que possa manter a criança sempre viva, cheia de desejos, de respeito, de sonhos, de ética. É um livro diário, de frases soltas, de perguntas sem resposta, de reflexões que alegraram meus dias e despertaram em mim uma curiosidade pela vida.

É um livro sobre e para nós dois. Um livro que conta da minha maternagem, do meu jeito de fazer e do jeito dele de me fazer mãe. Um livro que ensaiei escrever mil outras vezes, com textos de diferentes momentos, e que acabei organizando agora em 2024, neste ano em que ele completou 15 anos e quando eu decidi parar de anotar nossas conversas. Sim eu anotei por 15 anos nossas conversas mais gostosas, mais interessantes, mais desafiadoras e aqui, apresento algumas delas.

Eu amei ser mãe da criança que ele foi e amo, amo muito, ser mãe do adolescente que ele é.

Vou amar ser sua mãe a vida inteira.

## A gravidez

Antes de contar a história da gravidez, quero contar outra: a do falecimento do meu avô Manoel e da decisão de nunca parir.

**1987**

Meu avô Manoel morreu. Duas coisas aconteceram nesse dia intenso.

Primeiro, eu entendi que palavras não são óbvias, que elas têm muitos sentidos. Segundo, eu decidi nunca parir.

Se passou-se!

Eu tinha 12 anos quando meu avô materno, Manoel, faleceu. Foi a primeira morte da minha vida. Eu morava na zona rural, mas estudava no bairro onde nasci, um pouquinho longe de casa. Quando saí da escola, passei na marcenaria do meu pai, que ficava ao lado da casa dos meus avós paternos. Diferentemente dos outros dias, naquele não tinha café com bolinho de chuva. Minha avó Regina estava na casa da avó Chiquinha, umas 8 ou 10 casas à frente, na mesma rua. Meu avô não estava bem.

Eu corri até a casa e vi as duas avós e a tia Ana no quarto do vô. O clima era tenso. Alguém segurava uma vela na mão dele e pareciam rezar. Eu sei lá, não entendi o que acontecia direito. Meu pai também estava lá e, de repente, a avó Regina saiu do quarto e disse: *“o vô se passou-se!”*

Meu pai me chamou para irmos para casa. Não conversamos no carro. Havia uma tensão no trajeto, mas eu não entendia o que era. Chegamos em casa, saí correndo do carro e disse pra minha mãe que esperava na porta: *“mãe, o vô se passou-se”*.

O pai brigou comigo, ficou furioso. Disse que esse não era jeito de contar para mãe que o pai dela tinha morrido.

*Morrido?*

*Como morrido?*

*Não passou?*

*Não tá tudo bem?* Eu perguntei.

Minha mãe nem chorou. Ela me abraçou e disse que seu pai já estava há muito tempo doente e descansou. Eu chorei. Chorei intensamente, mesmo que não soubesse o porquê. Se pela morte ou pelo susto da notícia. Fiquei muito tempo me perguntando: por que minha avó usou um código indecifrável para falar da morte? Por que meu pai não me explicou o que havia acontecido? Por que minha mãe não chorou, na verdade ela fez faxina em casa? Por que os adultos acreditam, em sua maioria, que criança não entende, ou que não dá conta de conversas difíceis? Por que os adultos conversam pouco com as crianças?

A noite do velório.

Eu e todos os meus primos fomos passar a noite na casa da tia Cleusa. Tia Cleusa não era qualquer tia, era a mais jovem. Aquela que era casada e parecia feliz nesse papel. Dela, sempre soube pouco. Sabia apenas que tinha uma cicatriz na perna, fruto de um acidente de bicicleta. Que ela tinha três irmãs, todas casadas. Falava sempre com carinho do pai e da mãe, e dizia que eram muito amorosos.

Minha tia era, e ainda é, linda. Estava sempre de batom vermelho, tinha dentes grandes e um sorriso largo constantemente no rosto. Além de tudo, era uma maravilhosa contadora de histórias.

As crianças festejaram o que seria uma noite de folia, claro que não entendíamos o motivo da reunião, o velório do avô. A tia arrumou um lanche gostoso e jantamos pela cozinha e pela sala. Depois, fomos juntos transformar cobertores em camas, que espalhados na

sala acomodariam o sono de todos. Mas a tia sabia que o sono não viria assim tão fácil. Arrumou jogos de tabuleiro e começou a brincar. Os pequenos foram se aninhando e ela os levou para o quarto para que dormissem de modo mais tranquilo. Começou uma trovoada e, de repente, a noite ficou mais barulhenta do lado de fora do que do lado de dentro.

Eu sempre fui a mais calada e tímida das crianças. Decidi mexer em uma pilha de revistas que alcançava o braço do sofá e chamaram minha atenção. Folheei as páginas, li os títulos das reportagens, vi algumas imagens e fui, pouco a pouco, sendo tomada por muita curiosidade.

“Pais e Filhos”, esse era o nome das revistas.

E estava lá, na página 34: “PARTO NORMAL: a forma mais natural de trazer seu filho ao mundo”.

Eu não entendi o título, que hoje até pode parecer bonito, mas cuja imagem que o acompanhava deixou a menina que fui bastante assustada. Uma mulher com as pernas abertas e uma bola com cabelos saindo do meio de suas pernas. Acredito que meus olhos se esbugalharam de pavor. Fiquei chocada. Não sabia nada sobre bebês, e menos ainda que eles saiam do meio das pernas. Senti dores só de imaginar. Fiquei preocupada e decidi imediatamente que nunca teria filhos.

A tia percebeu no meu rosto que algo me incomodava, largou o jogo de tabuleiro e se aproximou. Foi uma conversa intensa. Primeiro, ela explicou que as meninas têm, em seu órgão genital, um lugar adequado para que os bebês nasçam. Abriu um livro com imagens de órgãos genitais femininos e explicou que as meninas têm vagina, ovários, útero e uretra. Falou de menstruação e de gravidez. Tudo o que eu sabia era que os órgãos genitais eram um verdadeiro segredo. Na minha casa, na estante da sala, havia um livro secreto “Como nascem os bebês”, que ficava escondido atrás de um monte de outros livros, inclusive a coleção de Machado de Assis que minha mãe havia comprado para meu irmão mais velho.

Aquele livro, disse minha mãe, não deveria ser mexido sem autorização, e de fato nunca foi. Assim, eu só descobri naquele dia, na companhia da tia, depois de curiosamente abrir uma revista “Pais e Filhos”, que eu tinha dois buracos no meio das pernas e não apenas um, como imaginava antes, por onde saía o xixi.

Alvorçadas pela explicação da tia, as outras crianças começaram uma série de perguntas curiosas.

*Como colocaram o bebê na barriga dessa mãe?*

*Você já tem um bebê na sua barriga?*

*Como saem os bebês se a mãe tiver medo de que ele saia ali daquele buraquinho?* Essa foi a pergunta que eu fiz para a tia, que sorridente começou uma aula sobre afetos, idade para namorar, paixões, desejos, carinho e sexo. Contou que quando começou a namorar com o tio, adorava beijá-lo atrás da igreja e todos rimos com ela. Explicou que ainda não tinha um bebê em sua barriga, mas que o desejava e, por isso, aquelas revistas serviam para que ela entendesse a hora certa de ser mãe e sobre como gostaria de educar seus filhos. Falou de sementinhas e formação de bebês. E, por último, falou sobre tipos de partos. Eu ouvi tudo com os ouvidos bem arregalados, tentando entender o que ela dizia.

A tia escolheu outras revistas com outras imagens e mostrou um parto na água. A água não me agradou: aflita com a minha própria dor, agora me afligia com a ideia de que o bebê pudesse se afogar ao nascer. Tudo muito complicado, eu pensava. Continuava decidida a não parir. A tia, então, abriu a revista na página do parto cesárea e explicou o procedimento. Disse ser um pouco mais arriscado, explicou que toda cirurgia é sempre arriscada. Mas as fotos aliviaram a angústia de uma menina de 12 anos que em um único dia descobriu como os bebês nascem, que tinha em si buraquinhos não imaginados, que sexo era algo prazeroso e que tinha uma tia linda, com uma cicatriz na perna, dentes grandes, sorriso largo, batom sempre vermelho e disposta a boas conversas.

Muitos anos se passaram.

Eu virei professora do ensino fundamental e conversar com as crianças fazia parte do processo de ensino-aprendizagem.

## 1995

Meu primeiro ano na faculdade de Psicologia e meu segundo ano lecionando. Nesse ano ganhei uma terceira série. Meninos de 8 a 10 anos. Uma difícil e árdua tarefa para quem tinha apenas 19 anos de idade. Levei para a escola todos os meus livros infantis, aprendi a fazer brinquedos de sucata com eles em sala, aprendi a contar historinhas e fazer dramatizações, adorava a hora do lanche com eles, mas, um dia fiz algo que desagradou a diretora e fui chamada a atenção, quase fui demitida com afeto.

Dois alunos brigaram aos tapas e eu tive que conter. Segurei um deles, briguei com o outro, e no fim, decidi não mandar para a direção, resolvi em sala. Perguntei o que havia acontecido e contaram que estavam no recreio jogando pilica<sup>1</sup> e que o perdedor chamou o colega de *filho da puta*. Perguntei se eles sabiam o que aquilo significava e disseram que não, então decidi explicar.

Coloquei no quadro verde alguns sinônimos que conseguia lembrar.

*Putá,*  
*vagabunda,*  
*piranha,*  
*vaca,*  
*rapariga.*

Primeiro expliquei o que eram sinônimos.

Depois comecei calmamente a explicar o quanto era ofensivo a uma mulher ouvir esse tipo de coisa e o quanto era doloroso para um filho ouvir isso também. O perdedor pediu desculpas o ofendido o

---

<sup>1</sup> Pilica – Bola de gude

desculpou, a sala ficou calma, a aula continuou em paz. No dia seguinte uma fila de pais e mães foram a direção reclamar da aula. Eu senti orgulho de mim mesma, a diretora não.

Então eu conheci seu pai e decidimos construir uma família e a maternidade fazia parte do meu novo projeto. Não que fosse uma obrigação, era verdadeiramente um desejo. Eu fui uma tia dessas que adorava a companhia das crianças. Rafa, Larissa e Luana saiam comigo para passear e eu me preocupava com a alimentação, o protetor solar, o guarda-sol ou o guarda-chuva, o lugar adequado para brincar.

Eu gostava de conversar com elas e vê-las crescer.

Eu virei psicóloga e minha atuação era com crianças. De novo, eu estava ali, cuidava, mas principalmente ouvia. Ouvir me agradava, me fazia feliz.

Eu queria essa experiência, esse sujeito com quem conversar, com quem aprender.

Tentei convencer seu pai a adotar um bebê. As histórias de parto da minha mãe, o nascimento do meu primeiro sobrinho, Junior, a revista Pais e Filhos e as minhas crises de enxaqueca me apavoravam quando o assunto era gestar e parir. Seu pai não foi convencido, ele desejava você. Um filho dele.

Lembro-me perfeitamente do dia em que abri o teste de gravidez. Eu trabalhava na Prefeitura Municipal de Penha/SC, era psicóloga. Estávamos todos em um evento organizado pela prefeitura na pousada Pedra da Ilha. Eu contei para Karin, minha amiga fonoaudióloga com quem trabalhei por anos no serviço de saúde, que me sentia estranha e que talvez estivesse grávida. Ela me pegou pelo braço e foi comigo ao laboratório ali pertinho, bem cedo, para fazermos o exame. O resultado saiu no fim da tarde.

Peguei o resultado sem abrir e fui até nossa casa, ali mesmo em Penha, Praia Alegre. Seu pai ainda não havia chegado em casa. Morávamos em Itajaí. Nos fins de semana, dormíamos em Penha, seu pai trabalhava arduamente para que a casa ficasse pronta.

Eu abri o exame e esperei ele chegar para contar. Senti mais medo que alegria. Meu corpo tremia, como treme agora enquanto escrevo para ti. Eu pensava se daria conta de tamanha responsabilidade. Seu pai tremeu também. Ficamos felizes, mas sentimos medo.

Eu vivi uma gravidez incrível. Sem enjoos, sem enxaqueca, sem dores. E eu me sentia linda com você. O tempo foi passando, a barriga crescendo e a cada dia eu me dava conta que logo a responsabilidade começaria de verdade. Um dia, na casa de D. Catarina (espero que você se lembre bem dela, ela é mãe da sua madrinha Elaine, minha melhor amiga na faculdade de psicologia da Univali), falei dos meus medos. Falei da preocupação de não ter recursos financeiros para te oferecer boas escolas, uma vida mais confortável. Ela, com sua voz doce e calma, prontamente me disse: *“Minha filha, isso é o menos importante nesse processo todo. Dinheiro a gente dá um jeito. O mais importante, e isso sim deve te dar medo, é se você vai conseguir fazer essa pessoinha virar GENTE. Virar gente é sempre nosso maior desafio”*.

Virar gente!!!!

Meu medo aumentou muito depois dessa conversa. Lembro-me mais perfeitamente ainda do dia em que você nasceu. Lembro-me das emoções confusas, das incertezas, dos medos que nasceram naquele momento. Lembro-me da frase que disse a mim mesma quando te peguei nos meus braços: *“O que fiz da minha vida?”*. Lembro-me do primeiro choro, das primeiras risadas, das gargalhadas, de todas as dobrinhas do corpo gordinho. Lembro-me da primeira vez que engasgou e eu quase morri tendo que te fazer cuspir o que pôs na boca. Acho que nunca contei essa cena para ninguém, nem mesmo para seu pai, porque eu sentia uma culpa imensa por ter deixado você se engasgar. Lembro-me dos primeiros passinhos, da primeira vez que desceu o degrau de casa. Da amamentação e do desmame aos seis meses que, confesso, fiz sem culpa nenhuma, afinal você tinha quatro dentes e me mordida

demais nessa idade. Mas, acima de tudo, lembro-me da primeira palavra: PAPAI.

É isso mesmo, passei meses ensinando, mas não foi mamãe a palavra que você falou.

Você falou antes de andar. E falava muito. Depois de papai, vieram inúmeras palavras, inúmeras frases, inúmeros questionamentos e reflexões, e a gente que é mãe, se se permitir, aprende a contemplar a vida e as belezas miúdas do cotidiano.

*Mãe, hoje é meu dia de sorte!*

Foi essa a frase que você gritou em 08/01/15, com 6 anos de 8 meses, no fim da tarde, após mergulhar no mar e voltar com a mão cheia de conchinhas e uma moeda de R\$1.

Eu sorri e imediatamente me perguntei: “hoje será meu dia de sorte?”.

Tive um dia de sorte quando descobri que estava grávida, apesar de todos os medos que essa descoberta impõe.

Tive meu dia de sorte quando você nasceu e mandou embora qualquer chance de solidão.

Tive um dia de sorte quando você fez explicações mirabolantes sobre a diferença de amor de mãe, amor de amigos e amor de coração, me deixando apaixonada por sua sensibilidade.

Tive um dia de sorte quando você olhou pela janela do carro e viu no pasto algumas vacas soltas, decidi que seria fazendeiro para cuidar das vacas abandonadas e, com isso, me libertou mil gargalhadas.

Tive um dia de sorte quando, para protegê-lo, enfrentei o medo de baratas e me descobri muito corajosa.

Tive um belíssimo dia de sorte, quando depois de assistir Rapunzel, você cantou com toda a certeza do mundo: *“as mães sabem mais!!!”*.

Tenho um dia de sorte quando você diz que minha comida é melhor que a de qualquer restaurante, e eu, que mal sei cozinhar, me descubro chef de cozinha.

Como diz Gal Costa<sup>2</sup>

*Tudo de bom que você me fizer, faz minha rima ficar mais rara.  
O que você faz me ajuda a cantar! Põe um sorriso na minha cara.*

*Meu amor, você me dá sorte!*

*Meu amor, você me dá sorte!*

*Meu amor, você me dá sorte na vida!*

A cada dia disposta ou indisposta para brincar, para conversar, para dar banho, para passear, para ser mãe, eu penso se minhas ações estão transformando essa pessoinha em gente. Isso mesmo, aquela frase que D. Catarina nem deve lembrar de ter dito, me perseguiu nos meses seguintes e me atravessa ao longo de todos esses anos. Essa frase constitui minha maternidade.

Claro, a frase “fazer virar gente” não é inocente. Ela tem a expectativa de um tipo de gente. E, pra mim, falamos de gente que se afeta com as coisas do mundo, de gente que se orgulha de si e dos outros, de gente que ajuda, de gente que respeita as diferenças, de gente que compartilha, de gente que tem ética.

Tenho tentado, a cada dia, oferecer minha disponibilidade para me transformar, junto com você, em gente. Nesse exercício, estou disponível a escutar, conversar, brincar, me surpreender e, acima de tudo, valorizar perguntas tão ricas de imaginação e de reflexão. Uma reflexão infantil, ingênua e, por isso, muito verdadeira. Hoje, com 15 anos, uma reflexão intensa, adolescente, repleta de muitas descobertas de si.

Criança cresce rápido demais. E os filhos da gente crescem mais rápido que todas as outras crianças. Por esse motivo, desde a primeira frase, eu venho anotando nossas longas conversas. Faça

---

<sup>2</sup> Os compositores dessa música são Celso Fonseca e Ronaldo Bastos, mas eu gosto de ouvir na voz da Gal.

isso por entender que meu cotidiano é melhor com seus questionamentos, suas frases, sua tagarelice.

## Um conversador

Você começou a falar com 11 meses. Quanta beleza. Falou primeiro “papa”, eu prefiro acreditar que é comida, mas seu pai acredita que seja papai.

Mas, depois dessa, vieram tantas palavras e foi tão rápido.

Você é um conversador.

Claro, no início ainda fala uma língua só sua, talvez só nossa, porque eu entendo muita coisa. Mas, pela rapidez com a qual conversa, sei que logo será entendido por todos.

Você ainda não anda.

Eu estou me divertindo com a maternidade. Fico todas as manhãs com você, continuo trabalhando à tarde e à noite, e ainda escrevo minha tese. Parece uma loucura - e acho que é -, mas tenho um objetivo pessoal e isso faz com que minhas 24 horas pareçam 28 ou 30. Claro que tem dias que estou cansada, muito, mas tenho seu pai e nossos vizinhos amados Gertrudes e Braga. Eles ajudam muito. Brincam com você por horas nos fins de semana e eu tenho tempo para estudar e me recompor. Criar um filho exige uma comunidade inteira por perto.

A família Braga foi fundamental no cuidado até nossa mudança de Santa Catarina para Minas Gerais. Você tinha 2 anos e 04 meses quando nos mudamos. Levamos a família inteira conosco, não literalmente claro, mas você tinha uma coleção de dinossauros e todos tinham os nomes deles. Gertrudes, Braga, Patrick, Cleiton, Silmara e Maitê. Você brincava com os dinossauros e falava deles todos os dias. Nosso contato permanece nos verões em SC. Eles são nossos vizinhos-família.

Se um dia você tiver um filho, lembre-se de pedir ajuda. Se eu estiver por perto, prometo ajudar. Se eu não estiver, peça aos amigos. Pais precisam descansar para cuidar. Pais precisam de tempo. Não há nada de errado em precisar ficar sozinho, em precisar que outro o alimente, precisar que outro dê banhos. Se

permita, mas lembre-se que o outro que divide a paternidade com você também precisa de tempo. Esteja presente.

Se você não tiver filhos, lembre-se de olhar o filho de um amigo para que ele possa descansar, se cuidar, se tornar uma mãe ou um pai melhor.

Ser amigo é uma tarefa importante.

Tenha amigos.

Seja amigo.

Amigo que liga para saber como o outro está.

Amigo que está presente nos momentos de alegria.

Amigo que cuida de diferentes formas.

Amigo é uma coisa importante.

Eu tenho alguns, ainda bem.

## 02 anos

Enquanto assistia ao documentário “Oceanos”

- Pai, olha ali as FOFOCAS.

- Pai, esse peixe mora nas fufundezas do mar?

- Dorme bem. Eu amo você.

- Não, pai, eu não almocei, eu tomei mama.

- Pedro, eu já falei para não bagunçar a casa toda com brinquedos.

- Tá, mãe

- Entendeu? Comece a guardar. O que você não vai brincar, você guarda, entendeu?

- Tá, mãe

- Vamos! Ajuda a guardar.

- Tatata

Na volta da escola, passamos em frente à Universidade.

- Esse é o seu tabalho, né, mãe.

- É sim. Você sabe o que eu faço aí?

- Não.

- Eu sou professora de gente grande.

- Não, mãe. Você não é pofessola. Você é UMA MÃE. Entendeu, mãe?

Passando em frente a um "chaveiro".

- Mãe, uma chave não tem mão, né?

- Não, filho, uma chave é uma chave. Não tem mão. Por quê?

- Aquela ali tem mão, tem boca, tem olhinhos.

- Pedro, aquela ali é um desenho, igual desenho animado da TV.

Na TV os bichinhos falam e as chaves podem ter mãozinhas.

Entendeu?

- Sim, o Peixonauta fala, o Zico fala, até as mulheres falam na TV.

- Pedro, as mulheres falam em qualquer lugar, não só nos desenhos. Eu sou uma mulher e estou falando.

- Você não é mulher não, mãe. Eu já expliquei, você é uma mãe. Só uma mãe. Entendeu?

Pedro tentando entender as relações familiares:

- Mãe, a Rafaela é prima minha e é prima do Junior?

- Não, Pedro. A Rafaela é sua prima e irmã do Junior.

- E cadê meu irmão?

- Você não tem irmão.

- Eu quero irmão.

- Ótimo, vamos conversar com o papai sobre isso, tá bom?

- Tá.

- Vai ser bom um irmão. A mamãe vai dar colinho pra ele, vai fazer comidinha, vai brincar com ele.

- Não, você não pode. Você tem que dar colinho pra mim.

- E quem vai cuidar do seu irmão?

- A mamãe dele, é claro!

À tardezinha, ele estava assistindo desenho. Eu levei um quebra-cabeça, para tirar ele de frente da TV.

- Vem montar com a mamãe!

- Mãe, agora não é hora de brincar. Eu tô muito ocupado. Tô vendo meu filminho.

Depois que o papai espirrou, ele perguntou:

- Pai, quem saudiou?

- Mãe, eu fiz pumm.

- Ui, seu porcalhão.

- Obrigado, mãe.

O Pedro queria ir pra casa em Santa Catarina, e o papai explicou:

- Não dá pra ir para casa. A nossa casa o papai emprestou para  
um titio morar.

- Como é o nome do titio, papai?

- Odivar

- Eu sabia. Não pode. Esse nome não existe, hahahaha. Vamos pra  
casa, ebaaaaa.

Levei o Pedro pra tirar sangue. Expliquei isso antes de sair de  
casa, mas...

- Mamãe, que lugar é esse?

- O laboratório, Pedro.

- Tem muita gente maluca nesse laboratório?

- Por que gente maluca?

- Porque a Tasha [do desenho animado Backyardigans] é a  
cientista maluca do laboratório. E ela ri assim: "hahahahahaha".

- Pai, o alicate que você me empestou, ele ALICATOU eu.

- O que?

- Pai, aquela ferramenta que você me empestou! Ele alicatou eu!

- Não entendi, Pedro. O que aconteceu?

- Pai, o alicate, ele me ATACOU.

Pai perguntou como foi a primeira viagem de avião:

- Como foi a viagem, Pedro?

- Boa.

- E o avião?

- Ele correu, correu, correu, subiu no céu e, depois, desceu.

- O avião passou por cima da nuvem?

- É.

- Que cor é a nuvem?

- Banca

- E como é que ela é?

- Ela é meia molengula.

De manhã na hora da correria:

- Pedro, vamos escovar o dente pra sair.

- Eu vo pedi po papai, hoje. Papai, vem, vem escova meu dente,  
meu amigãozão.

- Vamos. Que delícia saber que sou seu amigão. Só eu sou  
amigão?

- É, papai, você é meu amigãozão e a mamãe, minha amigãozona.

Passei na escola para buscar o Pedro, com uma amiga no carro:

- Diz "oi", Pedro.

- Não.

- Ela é legal, Pedro, fala com ela.

- Não.

No outro dia:

- A tua amiga não veio hoje, mãe?

- Não. Tu querias que ela tivesse vindo?

- Não.

Ui, Pedro, ela é minha amiga, tu podes gostar dela.

- Não, mãe, não podó. Ela é tua amiga e não minha amiga. Se ela era minha amiga, aí eu gostava dela.

Pedro brincando com suas ferramentas, pegou o serrote e veio  
cortar meu pé.

- Ai, assim você me machuca, Pedro.

- Tô cortando, mamãe, pra ficar com duas mães.

- Mamãe, xixi, xixi! Corre!

Quando cheguei ao banheiro, ele já tinha feito na calça e sujado  
todo o chão. O papai passou e disse:

- O que é isso, Pedro? Você não sabe mais pedir?

- Sei sim. Eu pedi, mas a mamãe não akeditou.



## 03 anos

- Pedro, por favor, meu filho, quer parar de andar pela casa pra lá e pra cá?

- Não posso, mãe! Tô pensando como arruma meu binquedo que quebo.

O Pedro subiu na mesinha dele e percebeu que poderia cair.

Gritou:

- Mamãe, corre! Eu tô em perigo!

No fim de um dia difícil.

- Você me acha uma boa mãe?

- Acho. Você é boa mãe. Só que quando você fica bava, aí você é mais ou menos boa mãe.

- Mãe, eu já posso ganhar um cachorrinho?

- Não, Pedro, você ganhou um peixinho. E até você crescer, nada de cachorrinho.

- Entendi, mãe. Então, eu já sei! Posso ganhar um elefante?

- Não. Onde a gente vai pôr esse bicho?

- No meu quarto, mãe. Pobema resolvidooooo!!!! Vou ganhar um elefante, vou ganhar um elefante.

Dez minutos após o banho

- Pedro, você se riscou todo! Credo! Braços, pernas e até sola do pé! Todo riscado de caneta!

- Mãe, o Homem Aranha é todo de risquinhos e os risquinhos do pé viram uma bota.

- Mãe, põe esse relógio pra você virar uma super-herói menina.

- Isso, mãe, agora você tem o poder da chuva. Vem, senta aqui no chão e vem brincar.

- Ai, Pedro, tô cansada. A mãe já é velhinha, não posso ficar aqui no chão tanto tempo.

- Mãe, você é uma super-herói menina. E super-herói nunca fica velha. Entendeu, mãe?

- Ai, mãe, doeu a minha cota!

- Doeu as costas, filho?

- Hahaha mãe, eu não tenho duas cotas, eu tenho uma cota.

Escovando os dentinhos:

- Abre bem a boquinha, essa dentista aqui precisa ver se ficou limpinho.

- Mãe, você já apendeu, tá? Você é uma mãe, uma mãe.

E depois de muiiiiiiiiiiiiiita força, uma reflexão:

- Ui!!!! Esse cocô tinha espinhos.

- Pedro, não tome essa água da piscina.  
- É chá, pai.  
- Não, Pedro. Essa água tem cloro. O papai não quer que você tome.  
- É chá, pai.  
- Pedro, já falei, não tome essa água.  
(Segundos depois)  
- Pedro, eu falei pra não tomar.  
- É chá, pai.  
- Vou tirar você da piscina e por você de castigo.  
- Tá, pai, entendi. Não é pra tomar. Mas, que é chá, é chá.

- Pedro, o que é essa marquinha em você?  
- Eu caí na minha escola.  
- E você chorou?  
- Chorei.  
- E quem cuidou de você?  
- Ninguém.  
- E a tia Joana e a tia Laís? Ninguém veio te dar um abraço?  
- Sim, a tia Joana me abraçou e me beijou e disse que ia passar, não precisava chorar.  
- Então ela cuidou de você.  
- Não, mãe. Ela não cuidou. Se cuidou eu não caia.

- Mãe, hoje a minha professora foi na escola. Ela não vai mais na escola. Ela machucou o pé.  
- Ah! Ela foi lá contar pra vocês que vai ficar em casa cuidando do pé que ela machucou? E você falou com ela?  
- Não falei não.  
- Por quê?  
- Por que eu tive vergonha.  
- Vergonha? O que é vergonha, Pedro?  
- É quando a gente não diz oi nem tchau.

- Pedro, você tem que dormir um soninho. Porque depois tem o aniversário da amiguinha. Se você não dormir, vai ficar cansado.
- Mãe, o Homem Aranha não se cansa. O Homem Aranha sobe nos prédios e nunca se cansa.

Começou o desenho do “Meu AmigãoZão”:  
- Vem mãe, vem dançar. Começou a nossa música.

Na hora da escolinha

- Mãe, que brinquedo eu levo hoje?
- Hoje não é dia de brinquedo, Pedro, só sexta-feira.
- Ai, que pena.

Minutos depois no elevador ele diz:

- Mãe, o que é mesmo, “que pena”?

E quando viu uma xepa de cigarro no chão...

- Mamãe, que nojo, uma cigarra.

- Eu vou viajar amanhã de manhã e você vai ficar com o papai.
- Mas como eu vou ficar sem uma mãe? Eu não posso ficar sem mãe.
- Você vai ficar com o papai. E, quando eu voltar da viagem, eu trago um presente para você.
- Mãe, eu não preciso de um presente. Eu já tenho muitos. Onde eu vou guardar? A minha gaveta tá cheia de presente.



- Mãe, quem pantou essa árvore de cabeça pra baixo?

- Mãe, corre, corre! Vem ver o que aconteceu na Lua.

- O que aconteceu, filho?

- Olha ali, do lado da Lua, uma meleca verde.

Fui arrumar Pedro para sair e disse:

- Hoje vamos a uma festa. Que delícia!

Quando saímos do churrasco, depois de comer e brincar muito, ele diz:

- Mãe, agora nós vamos na festa?

- Não, a gente acabou de sair da festa, filho.

- Mas não tinha bolo! Não era festa, era só almoço. Você me enganou.

- Pai, eu acho que você tá muito gordo! Acho que tem um bebê na sua barriga. Quem botô o bebê aí, pai? O médico cortou a sua barriga e colocou o bebê aí?

Aprendendo subtração.

- Quanto é 1-1, Pedro?

- É nem mais um.

- Eu apendi que tem o Sapo Pererê e a Mula Sem Cabeça. O Sapo Pererê é enganado porque pula num pé só. E a Mula Sem Cabeça não tem pé.

- Não, Pedro, a Mula Sem Cabeça não tem cabeça.

- Pai, a professora ensinou que a mula não tem pé.

- Está certo, filho, a Mula Sem Cabeça não tem pé, ela tem patas.

- Hahaha. Pai, pata quem tem é o pato.

- Deixa eu explicar, filho: as pessoas têm pés e os bichos têm patas.

- Papai! Eu não tô gostando que você tá me mentindo. Mãe, o pai tá mentindo pra mim.

- Pai, vamo bincar de contar histórias de terror? Você começa, pai.

- Vou contar a história do Tomate Psicopata. Era uma vez, um tomate que morava na gaveta da geladeira. Ele era um tomate psicopata e matou todos os alimentos da geladeira. Agora é você, filho.

- A minha história é do Tomate Psiorelha.

- Tomate o que?

- Psiorelha. Era uma vez um tomate psiorelha...

Depois de apenas três horas de viagem de carro, a impaciência e a noite chegam juntas.

- Mãe, acende essa luz do carro, por favor?

- Não, filho, é ruim andar com essa luz acesa.

- Acende, mãe, por favor, eu não consigo enxergar o meu olho.

- O que é isso que você tem?

- Um adesivo do Batman, pai.

- Deixa eu ver. Isso é uma foto do Batman?

- Não, pai, uma figurinha.

- Sim, mas é igual a uma foto.

- Não, pai. Uma figurinha. O Batman não existe na vida real, então não existe foto dele. Ele existe só na imaginação, então tem figurinha dele.

Pedro no banho grita:

- Mãe!!!! Corre aqui.

- O que foi?

- Uma tagédia. Eu binquei com a água e molhei o banheilo todo. Molhei o tapete. Desculpa, mãe, você tem que entendê . Foi só de popósito.

- Que dança é essa, Pedro?

- Rock in roll.

- Achei que era hip hop, você sempre dança hip hop.

- Mas essa agora é hip in roll, mãe.

- Mãe, vamos brincar com meus bonecos super-heróis?

- Vamos. Como é a brincadeira?
- Assim, esse super-herói voa e esse faz banoba.
- Manobra?
- É, mãe, banoba.
- kkkkk
- Não ri, mãe. Não é de rir. Essa brincadeira é coisa muito séria.

Quarta-Feira de Cinzas, dia sem aula. Barulho de picolé na rua, Pedro olha pra mim e pergunta:

- Mamãe, que barulho é esse?
- Eu acho que é de picolé, filho.
- Corre mãe, corre! Compra picolé. Eu tô faminto de picolé.

- Mãe, se esse filme é em inglês, por que tem horas que está falando em português?
- Quando eles falaram em português?
- Na hora do Hahahaha

- Mãe, sexta-feira a gente pode ir na praia?
- Você está com saudade da praia?
- É. Eu queria bincá com um sili.
- A gente está longe da praia, então vai demorar pra ir lá. Você está com saudade do que mais?
- Da praia.
- Do que mais?
- Da minha casa, lá na praia.
- É? O que mais?
- Da minha vó.
- O que mais?
- Do meu pai.
- Do pai? Mas o pai está em casa vendo TV.
- Eu sei, mãe, mas eu tô com saudade dele.

- Então, me diz: o que é saudade pra você?
- Saudade. Ah! Saudade é um coração.

Quarta, à tarde

- Mãe, quando que eu vou ganhar o meu cachorro?
- Pedro, cachorro dá muito trabalho e você ainda não sabe cuidar. Vai demorar pra você ganhar um.
- Mas, mãe, o meu cachorro vai se chamar Peixonauta, eu já escolhi.
- Então, já sei: Vamos comprar um peixe, aí sim você pode cuidar e chamar Peixonauta.
- Oba, aí a gente compra um aquário e um baú de tesouro.

Sexta, fim de tarde.

- Pedro sai com o pai pra comprar uma peça pro carro, mas não encontram a peça.
- Pai, você não encontrou a peça?
  - Não.
  - É, pai, seu pobema é igual ao meu: você não achou a peça e eu não achei o meu baú de tesouro.

Sábado, de manhã e eu falando sozinha:

- Já é dia 12 de janeiro e eu ainda não comprei uma agenda. Tenho que achar uma logo.
- Mãe, você não achou sua agenda?
- Ainda não. Por quê?
- Porque seu pobema é igual ao pobema do pai e meu.

Uma conversa com a Professora

- O que você vai ser quando crescer?

- O Homem Aranha.

- Mas, Pedro, o Homem Aranha é um desenho, ele não existe de verdade.

- Então, quando eu crescer, eu vou ser o Homem Aranha de verdade.

- Pedro, você está com frio?

- Não.

- Mas sua boca está tremendo.

- Mãe, então, eu acho que a minha boca tá com frio.

Enquanto caminhava ao redor de casa brincando de detetive,  
encontrou pegadas milusculas.

- Pegadas o que?

- Milusculas pai, de bichinhos milusculos.

- Mãe, eu queria um bebezinho.

- Um bebezinho pra que, Pedro?

- Pra ele podê sê meu irmão, mãe.

- Hum, você quer um irmão, então.

- É.

- E por que você quer tanto um irmão?

- Eu não quero tanto. Eu quero um só, mãe.

## 04 anos

- Mãe, como foi seu curso? O que você aprendeu?
- Muitas coisas eu aprendi. A professora perguntou: “você tem filhos?”. Eu respondi: “sim, tenho um filho que já deve estar dormindo”.
- Mãe, você contou no seu curso que você tem um filho?! Amanhã vou contar na minha escola que eu tenho uma mãe.

Fomos para a rua, para ele brincar com seu skate. Passam por nós três adolescentes skatistas. Ele grita:

- Eu também sou um skatista.

Parou para assistir às manobras dos adolescentes.

- Mãe, isso é muito radical. Semana passada eu vou ter que aprender a fazer isso.

Pedro, então, me explica o que é o Brasil.

- Brasil. Fácil. Brasil é um esporte, um futebol e um planeta Terra onde a gente vive.

Pedro vem correndo no meio do bar e grita:

-Pai, pai, fiz um mortal (cama elástica).

Eu, rapidamente:

- Por que você tá contando só para o pai?

- Eu falei alto, você não ouviu?

- Eu ouvi, mas as pessoas da mesa do lado estão achando que não sou sua mãe.

Ele retruca bem alto e sai:

- Você não entendeu nada, é que meu pai me conhece há muito tempo. O meu pai foi a primeira pessoa que eu vi quando nasci.

Enquanto eu cantarolava na cozinha, Pedro diz:

- Mãe, você canta muito bem, mas precisa ensaiar mais pra ficar bom!

- Mãe eu sou popular e você é des-moderna.

- Mãe, hoje eu dormi bem. Eu tenho um sono muito pesado.

- Que bom, eu tenho sono muito leve.

- Mãe, você tem que brincar de correr. Se você brincar de correr, aí você vai ter um sono muito pesado também.

- Mãe, o carro do meu pai tem um lugar para guardar os óculos. Por que o seu não tem?

- O carro do seu pai é chique.

- É, o carro do pai é chique. Mãe, o que é chique?

- Chique... É uma coisa bem bonita.

- Ah! Entendi. A Helena é chique.

- Pedro! Não passa a mão no carro. Você não vê que ele tá sujo? Você vai se sujar todo.

- Mãe! Se o seu carro tá sujo, você tem que lavar pra eu não me sujar.

Plantando um vaso de cebolinhas.

- Mãe, o que você tá fazendo?

- Plantando cebolinhas no vaso.

- E agora?

- Estou arrancando os pedacinhos que estão amarelinhos.

- Não faz assim, mãe. Eu adoro flores amarelas.

- Mãe, explica pro pai o que é cabelo de Jesus.

- Eu não sei o que é, explica você.

- Mãe, você sabe sim. Você me mostro lá na padaria.

- Mãe, já tá na hora da minha natação?

- Já. Deixa eu pegar minha sapatilha e nós já vamos.

- Você tem sapatilha de bailarina?

- Não, Pedro. A mãe já tá velha pra fazer balé.

- Mãe, você não tá velha não... Tá um pouco gordinha, isso sim.

- Mãe, o Dinossuro Rex é carnívoro. Você sabia, mãe?

- E o que ele come, Pedro?

- Ele come Zumbi.

- Zumbi? O que é zumbi?

- Que faz ZumZumZum, mãe. O marido da abelha.

- Mãe, ainda bem que lá em casa não tem cobra, né?

- É. Mas por que você está preocupado com cobras?

- É que, se tivesse, ela poderia comer meu hamster. Mãe, você sabia que a cobra é um animal muito perigoso? Ela pode comer até uma pessoa. Ela come a pessoa inteira, aí a pessoa fica na barriga dela até se desmanchar. O único animal mais perigoso que a cobra é o jacaré, porque jacaré come cobra igual a gente come macarrão.

- Mãe, quando você era criança, quem era sua mãe?
- A mesma que eu tenho hoje, Pedro. Sua vó Olímpia.
- Então, quando eu crescer você ainda vai ser minha mãe?

- Mãe, eu não sei de quem eu sou fã!

- Você é fã do Homem Aranha.

- Não, eu não sou mais.

- Você é fã do Homem de Ferro.

- Não. Eu não sou mais fã desses super-heróis. Você não entende, pra ser fã tem que adorar alguém.

- Já sei. Você é meu fã, porque você me adora.

- Mãnheeee. Deixa eu explicar: eu adoro super, ultra, hiper você, mas pra ser fã tem que adorar super, ultra, hiper, MEGAAAA. Entendeu? E eu não sei de quem sou fã.

- Pedro, você lembra que eu contei ontem que agora de manhã vamos fazer exame de sangue?

- Lembro.

- Então, você vai fazer exame de sangue, fezes e urina.

- O que, mãe?!

- Nesse potinho você vai fazer xixi. Nesse outro, o cocô

- E o meu pum? Não vou fazer exame de pum?

- Pedro, sai do banho, meu amor. Já está na hora.

- Só se você disser a palavrinha mágica, mãe.

- Por favor.

- Não, mãe! Abracadabra!

- Mamãe, você tá gorda.
  - Pedro, a gente nunca diz que uma menina está gorda. A gente sempre diz que ela está linda.
- Ele sorriu e disse:
- Mamãe, você tá linda.

- Te amo muito, Pedro.
- Te amo mil de amor, mãe.
- Te amo dois mil de amor, filho.
- Nuuuuga. Te amo sessenta mil de amor, mãe.
- Te amo oitenta mil de amor, filho.
- Agora venci. Te amo infinito mil de amor, mãe. hehehehe. Venci.  
Não tem nada maior que infinito de amor.

- Mãe, olha aqui o pai me incomodando.
- O que foi, Pedro?
- Ele tá dizendo que eu vou ficar velhinho. Eu não vou ficar velhinho, né, mãe?! Ele que vai, né?!

- Depois do banho e na hora de ir pra escola:
- Pedro, o que você fez? Tá todo riscado, meu filho!
  - Isso aqui não é risco, é tatuagem.
  - Que horror isso. Bem na hora da escola.
  - Tatuagem é pra jovem. Eu sou jovem, posso fazer muitas tatuagens.

O Pedro convidou o pai para uma brincadeira, que chamou de "monstro do tédio". A brincadeira consistia em uma perseguição, quase em câmera lenta, do monstro, que com braços esticados caminhava atrás do outro, dizendo: "que tédio, que tédio". Quando o monstro alcança o outro, este vira o monstro do tédio e a brincadeira continua.

Eu fui ver o que acontecia e perguntei:

- Pedro, afinal, o que é tédio?

- Tédio é quando a pessoa tem um nariz redondo e quando encosta em outra pessoa, essa outra vira um zumbi.

Pedro ganhou um brinquedo que estava pedindo a um tempo:

- Mãe, tô tão animado que nem consigo respirar.

Fomos ouvir as histórias da Vovó Cachimbó<sup>3</sup>.

Algumas histórias foram de terror, sobre cemitério, caveiras, mortos.

O Pedro passou a semana tentando elaborar tudo que ouviu e concluiu:

- Eu já entendi tudo agora. O cemitério é onde a gente guarda o corpo antes de virar fantasma e ir pro céu. No céu moram os fantasmas do bem e do mal, porque eu vi num desenho que tem os fantasmas do bem e os do mal.

- Tá, e a morte? Você entendeu?

- Sobre isso eu não pensei ainda.

---

<sup>3</sup> Vovó Cachimbó era uma das personagens de Maria Inês, artista Uberlandense.

E no banheiro, gritou:  
- Mãe!!!! Plonto.  
- Filho, você já sabe falar “r”. É pronto.  
- Eu sei, mãe. Mas eu tô falando espanhol.  
- Espanhol. Onde você aprendeu espanhol?  
- Na TV. Vi um menino mostrando um negócio e dizendo "blanco"  
porque o negócio era branco. E ele era espanhol.

- O sol tá lindo hoje, mas tá um pouco SOLSARADO demais.

- Pai, essa água a minha mãe comprou na loja de almoços.

Depois de ler para ele uns trechos de *Mania de Explicação*<sup>4</sup>:

- Saudade - é quando a gente quer um amigo pra brincar.
- Sentimento - é um tipo de pensamento.
- Filósofo - nunca pensei o que é.
- Lembrança - é a sacolinha que a gente ganha quando vai na festa do amigo.
- Alegria - brincar com os amigos.
- Felicidade - brincar sem parar com os amigos.
- Perdão - pessoa que perde todas as suas coisas.

- Pra que serve isso?

---

<sup>4</sup> *Mania de Explicação* é um livro de Adriana Falcão. Em forma de dicionário poético, a autora explica diversas palavras.

- As artes do museu não precisam servir. Elas fazem a gente pensar, sentir, gostar, sem precisar servir.
- Não servem pra nada?
- Servem pra imaginar! Pra que você acha que serve?  
(minutos depois)
- Pedro, aqui não é para brincar, é para descer. Vamos, guarda o hot wheels.
- Mãe, as coisas não precisam ser só pra descer, podem ser pra pensar que aqui é uma pista gigante de hot wheels.

## 05 anos

- Mãe, joga esse jogo comigo? (...) Mãe, assim não. Eu não gosto de perder.
- Perder é saudável, você sabia?
- É saudável nada! Saudável é maçã .
- Ontem, na minha aula de educação física, eu aprendi a fazer vela.
- E como é isso?
- Você precisa de um colchão, aí você põe os dois pés pra cima, as mãos pra trás e levanta a barriga. Aprendeu?
- Acho que não, mas depois você faz pra eu ver.
- Mãe! Você foi pra escola quando tinha a minha idade?
- Fui.
- E você tinha aula de educação física?
- Tinha.
- E vocês faziam atividades?
- Sim
- Poxa. Mas parece que você não aprendeu nada!

Levando Pedro para escola, atravessa a frente do carro, uma mulher elegante, com vestido longo, salto alto, maquiada, enfim...

E eu falo sozinha:

- Caprichou. Saiu de casa poderosa.

- Ela não tá tão poderosa assim, mãe. A mamãe Pig (mãe da Peppa) é mais poderosa, tem um vestido que brilha no escuro.

- Pai, Uberlândia tem ladrão?
- Tem sim. Todo lugar tem.
- E eles andam vestido de ninja?
- Não, eles andam iguais a gente.
- Ah!!! Eles querem ficar iguais aos seres humanos.

- Pai, você pode comprar uma fantasia do Incrível Hulk vermelho pra mim?
  - Pedro, não existe Hulk vermelho, só verde.
    - Pai, na vida real existe sim.
    - Na vida real? Como assim?
    - É, pai, aqui dentro da cabeça.
    - Você quer dizer na imaginação?
    - É isso. Na imaginação existe.
- Pai, você sabia que o melhor lugar do mundo pra morar é o Polo Norte?
  - Não sabia. Por quê?
- Por que, se você é pobre e não tem dinheiro pra comprar uma casa, é só pegar a neve e fazer seu próprio Iglu. Aí você não precisa morar na rua.
- Boa ideia. Então acho que todo pobre do mundo devia morar lá.
  - Não, né, pai. Só os pobres que não têm medo de Urso Polar.

Pedro procurando a bolha de sabão.

- Pai, onde tá minha bolha de sabão? Você viu?
- Não, Pedro, mas deve estar no seu quarto.
- Não tá, já procurei tudo.
- Não sei. A Márcia teve aqui ontem, ela deve ter organizado o quarto todo. Procura bem que você acha.

- Ui, essa Márcia, viu?! Ela é muito difícil. Ela vem aqui e organiza todo o meu quarto. Ela não sabe que eu acho tudo bem mais fácil quando tá bagunçado!!!!!!!!!!!!

Ontem na escolha do presente do Dia do Professor:

- Mãe, a gente podia levar um perfume pra tia Natália.
- Não, Pedro, porque a gente não conhece o gosto dela pra perfume.
- É fácil, é só a gente dar uma lambida nela que descobre.

- Pai, você sabia que roubaram a bolsa da mãe da Helena?

- Sabia sim.

- Foi um ladrão. A sorte é que ela tinha uma reserva em casa.

- Mãe, você conhece a história do elefante, a formiga e o matandua?

Assistindo vídeo cassetada:

- Você ainda vai querer uma moto quando crescer?

- Não, pai, quero uma capa.

- Uma o que?

- Uma capa igual à do Batman.

- Por quê?

- Pra voar.

- Você já tem uma capa do Batman e sabe que ela não voa.

- Pai, essa é uma fantasia. Eu quero uma de verdade quando crescer, uma que voa.

- Mãe, você veio deitar porque eu esqueci você sozinha lá fora?  
Desculpa tá?

- Pedro, o que eu vou ganhar de presente de Dia das Mães?
- Uma geladeira que sai água na porta.
- Uma geladeira? Que presente é esse pra uma mãe?
- Um presente bem caro.

Então, Pedro abre um pacote de salgadinho e a menina olha pra ele. Ele oferece. Ela aceita.  
Minutos depois, ela olha de novo. Ele oferece. Ela aceita.  
Minutos depois, ela olha de novo.  
Ele olha pra mim e diz:  
- Mãe, ela vai ficar gorda!!!!!!!

Papai pede pro Pedro sair do pula-pula e deixar uma menina menor brincar um pouquinho.

- Mas, pai!
- Nada de “mas”. Você já brincou. Deixa a amiguinha.
- CARACA, VÉI.

- Mãe, quando chegar em casa você faz uma sopinha pra curar a minha gripe?

Dúvida do dia:

- Mãe, você nasceu da barriga da minha vó? Depois você casou com meu pai, né?! Mas, a minha vó é velha e o meu pai também é velho, eu pensei.

- Mãe, acho que eu estou agordecendo.

Na hora de atravessar a rua:

- Me dê sua mão para atravessar, por favor.

- Mãe, não precisa dar a mão. Minha professora ensinou: “cada um cuida da sua vida”.

- Pai, a Helena me contou que Curitiba é tão frio, mas tão frio! Acho que é frio igual o Polo Norte. Acho que em Curitiba deve ter Urso Curitibar.

- Mãe, depois que eu dormir, vai ser amanhã?

- Vai.

- E vai ser Dia das Crianças?

- Vai.

No dia seguinte às 6h da manhã:

- Bom dia, pessoal. É amanhã. Dia das Crianças. Acordem. Tenho que ganhar meu presente.

Ao meio-dia, o pai diz:

- Você tá bem folgado hein, amanhã nem vai ter aula.

- Não. A minha mãe disse que hoje era amanhã. Né, mãe?!

- Não. Hoje é hoje. Amanhã é amanhã.

- Mãe, pr que você teve coragem de mentir pra mim? Não se pode mentir pra um filho.

Passeando com amigos, Adriano, que dirigia naquele momento, perguntou:

- Qual o melhor caminho saindo daqui?

Os caronas tentam auxiliar na escolha do caminho e Pedro diz:

- Adriano, você não é um bom motorista!

- O que você acha que o Adriano precisa saber pra ser um bom motorista, Pedro?

- Acho que ele está precisando de um cérebro mais inteligente.

- Não! Pedro, ele precisa de um GPS.

- Mãe, um GPS é caro.

- Pedro esse seu rato parece triste.

- Claro que ele tá né, mãe?! Você sabe que ele é um hamster e fica chamando ele de rato.

- Mãe, você esqueceu meu remédio de gripe. E você não pode esquecer, porque eu tô gripado. E o meu coração tá gripado.

- Como você sabe que seu coração tá gripado?

- Eu sei por que ele tá batendo. E, quando ele bate, ele que fala alguma coisa, que tá gripado. Quando eu corro, ele bate bate bate bem mais forte pra falar que eu tenho que parar de correr.

À noite

- Mãe, você pode me dar o remédio de gripe? Meu coração continua gripado.

- Pedro, você sabe pra que serve o coração?

- Sei, sim. Ele serve pra se apaixonar. Aí ele enche os olhos de coraçãozinho e aí se apaixonava.

A mãe põe um vestido.

- Mãe, eu não sabia que você tinha esse pijama. Foi sua avó quem fez?

- Eu vou torcer pelo Brasil porque eu moro aqui, mas eu sou alemanhês porque tenho cabelo de Alemanha.

Sábado à noite:

- Mãe, o que você tá fazendo?

- Maquiagem. Estou passando base no rosto.

- Eu sei o que é base.

- Sabe? Então, diz pra mim: o que é base?

- Base é aquilo que as plantas fazem pra gente respirar.

- Pedro, o que as plantas fazem chama oxigênio.

- Isso. A tia Laís explicou pra mim: o oxigênio é a base de tudo.

- Mãe, vem aprender uma dança nova: a dança da estátua.

- Mãe, eu não quero mais morar com você. Quero morar na casa do Henrique porque aqui eu não tenho irmão e lá eu tenho.

- Pedro, você é meu filho, tem que morar comigo.

- Mas a mãe do Henrique disse que eu posso ficar lá sempre que eu quiser.

- Eu sei. Mas ela não quis dizer que era pra morar.

- Quis sim.

- Pedro, e se você sentir saudades de mim?

Ele sai correndo, vai no quarto, pega papel e caneta e me entrega.

- Mãe, anota seu telefone que, se eu sentir saudades, eu ligo.

E de repente

- Mãe, posso tirar uma foto sua?

- Pode.

- Você pode imprimir?

- A mamãe tá sem impressora. Mas pra que você quer uma foto  
minha?

- Porque quando você for pro céu, eu vou sentir saudades de você.

- Mãe, o pai já deixou eu ser irmão do Henrique, do Léo e do  
Bruno [amigos da escola].

- Tá. Mas como?

- O Léo já pediu pra mãe dele. E o Henrique e o Bruno vão pedir.  
Aí a gente vai ser irmão. Mas, eu vou continuar morando aqui,  
tá?!

Enquanto o pai mexia na caixa de ferramentas:

- Pai, você pode emprestar uma ferramenta pra mim?

- Depois, agora o pai vai trabalhar aqui em casa. Quando eu  
terminar, eu te empresto.

- Quando você morrer, a caixa de ferramentas vai ser toda minha!

Enquanto o pai dirigia.

- Pai, quando eu vou poder aprender a dirigir?

- Quando você fizer 18 anos, Pedro.

- Ui, 18 é muito. (...) Mas aí, quando eu fizer 18 anos, você já foi  
morrido, aí eu fico com o seu carro pra mim.

- Mãe, tô sentindo um cheiro mais ruim do que pior.

- Mãe, pode me tirar do banho, meu pé já tá todo emburrado.
- Todo o que?
- Emburrado.
- Não entendi.
- Olha aqui, mãe. Cheio de ondinha.

- Tô adorando as férias, mãe.

- Que bom. Mas, quando você está na escola, o que você mais adora?

- Eu adoro ter férias.

Mãe, quando a gente morre e enterra, como vai para o céu?

Tem um cano que leva a gente até lá?

E quando a gente morre, é verdade verdadeira, que a gente nunca mais volta?

- Mãe, quando eu crescer e você ficar velhinha nós vamos viajar para a Austrália?

- É! E o que vamos fazer lá?

- Vamos ver o ornitorrinco e o tigre australiano.

- Eu acho que vou sentir medo desses bichos! Você não?

- Mãe, você tem que ter medo é de olhar no olho da medusa. Porque se você olhar você vira pedra.

- Credo. Vamos ficar longe dela, não vamos?

- Mãe, elas vivem na savana africana e a gente não vai viajar pra lá. Não se preocupe. Não precisa sentir medo.



## 06 anos

- Meus pés estão me matando! Isso é uma fala pra quando a gente tá cansado, tá?! Não é de verdade, mãe.

Ouvindo uma música no rádio do carro:

- Tenho três palavras pra descrever essa música:

PA

TÉ

TICA

Ontem, no retorno da escola:

- Que foi, mãe?

- Nada, filho. A mãe está falando sozinha. Quando você crescer, vai falar sozinho também.

- Eu já sei falar sozinho.

Hoje, no retorno da escola:

- Pedro, quando a gente chegar em casa, eu vou cozinhar milho.

Pensa que delícia, vamos comer milho.

- Eu vou comer arroz, feijão, carinha, batata.

- Ótimo. Então eu vou ter que fazer um jantar?

- Não, mãe, eu tô falando sozinho. Sozinho, tá?!

- Filho, venha pentear esse cabelo. Você não pode sair de casa assim!

- Mãe, você só se preocupa com a beleza, com a beleza. Tem coisa mais importante nessa vida, entendeu?!

Estava dirigindo e disse um palavrão.

- Mãe, que coisa feia foi essa?

- Desculpa, mas às vezes a gente precisa!

- É, eu sei. Estou só esperando você dizer que já tenho idade para falar palavrão, assim posso expressar alguns sentimentos numa palavra só e economizar frases inteiras.

De manhã:

- Mãe, você sabia que se a gente não tivesse osso, a gente seria igual a uma gelatina?

- Credo filho, você está vendo filmes de terror? De onde você tira essas ideias?

- Mãe, eu tiro da minha cabeça. Eu penso, tá?! Pai, ela acha que eu não sei pensar, mas eu penso, penso, penso.

Na hora do almoço:

- Mãe, você já pensou, se a gente fosse apenas parte do sonho de alguém? A gente não seria real, aí na hora que a pessoa acordasse, seria nosso fim do mundo.

- Mãe, hoje tá bem chato. Não gosto de dia DUBLADO.

- Mãe, hoje eu fiz uma coisa muito errada: a Mel pediu pra usar meu tênis de super-herói e eu dei pra ela, daí eu usei o tênis dela.

- E qual foi o erro?

- A tia brigou bastante. Disse que tênis rosa é de menina e tênis de super-herói é de menino.

- Meu amor, vamos conversar então sobre o erro da professora.

Dias depois:

- Mãe, a Mel me pediu de presente de aniversário cartinhas Pokémon. Eu sei que tem gente que acha que é só de meninos, mas você disse que as coisas não são de meninos e meninas. Posso comprar?

- Pode sim. Mas será que é um presente legal? Será que a mãe dela não vai se chatear de ela ganhar esse presente?

- Claro que é. Eu gosto muito, a Mel também gosta. E você disse que não existe coisa de menino, né?!

- Mãe, o que é isso?

- A plaquinha diz que é uma múmia.

- (Risos) Claro que não. As múmias usam roupa branca feita de esparadrapo!



## 07 anos

- Amanhã é o dia mais importante da minha vida!
- Porque, mãe? Amanhã é meu aniversário, é dia mais importante da minha vida!!!!
- Então, é seu aniversário e dia que eu me tornei mãe.
- É mesmo, muito importante, o dia que o pai se tornou pai, a vó se tornou vó, a tia se tornou tia. Um dia muito importante.

- Meu filho, vá tomar banho e lavar esse pé. Está horrível!!!
  - Meu pé nem tá sujo. É só reflexo da noite.

- Mãe, eu tô ansioso pra saber se o Coelho da Páscoa existe mesmo!
- Como você vai fazer pra saber se ele existe mesmo?
- Vou ficar acordado esperando ele passar.
- Mas você já fez isso com o Papai Noel e, quando você se distraiu, ele passou. Será que agora vai dar certo?
- É. Na verdade eu tenho mesmo é que saber se o Papai Noel existe, porque o Coelhoinho tem que existir. Como que você ia conseguir fazer as pegadas no chão? Não existe uma canetinha que seja feita pra fazer pegadas, né?! Então tem que ser o coelho mesmo que deixa a pegada. É isso, o Coelho e a Fada do Dente existem. Só não tenho certeza do Papai Noel.

Assistindo “A Origem dos Guardiões”.

- Mãe, Jack Frost existe, igual a Fada do Dente, o Papai Noel e o Coelho da Páscoa?

- Mãe, por que a gente não reza antes de dormir?

- Pedro, algumas pessoas rezam, outras não. A mamãe não reza, por isso não ensinou a rezar. Mas você sabe que pode fazer o que quiser, pode rezar se quiser.

- Eu quero.

- Então, simplesmente peça na oração o que você quiser.

- Eu rezo pra chover muito e a Terra não ficar seca. Eu rezo pra todas as crianças serem felizes. Eu rezo pra todas as crianças terem brinquedos. Eu rezo para que os adultos brinquem com as crianças. Eu rezo para que os adultos deixem as crianças brincarem. Boa noite.

- Mãe, você acha que com pensamento positivo eu consigo me transformar em um menino que voa?

- Querido, a mãe acha que não.

- Eu imaginei. Vou precisar de uma poção igual à do Ben10 para ser um mutante.

- O chiclete dentro do pirulito é como se fosse nosso coração. Sem ele, o pirulito morreria.

- Mãe hoje é feriado de quê?

- Dia da Independência.

- Entendi! Vou ter que me secar sozinho quando sair do banho hoje.

Um amiguinho da escola assistiu “O Menino do Pijama Listrado” e contou na escola a história dos judeus. A turma ficou eufórica e a professora, entendendo a necessidade de conversar sobre o tema, falou sobre o nazismo e o neonazismo. Logo após a aula, você entrou no carro e explicou o que aconteceu:

- Mãe, você sabia que Hitler odiava os judeus<sup>5</sup> e mandou matar todos eles. Foi um horror. Ele achava que eles não eram gente. A tia explicou que isso aconteceu na Alemanha e que os alemães eram policiais e ajudavam o Hitler a matar. Eles eram nazistas e você sabia que hoje em dia ainda tem alemão que odeia judeus.

- Sim. Mas eles são uma minoria. A maioria dos alemães sabem que o que aconteceu com os judeus foi horrível e um erro da humanidade. Na época que aconteceu, alguns alemães arriscaram a própria vida pra salvar alguns judeus. Muita gente tentou, mas era difícil, era uma escolha difícil.

- Quando eu chegar em casa você deixa assistir “O Menino do Pijama Listrado”?

A angústia causada pelo tema e pelas cenas do filme, fizeram Pedro falar sobre isso por muitos dias. Assistimos juntos “O Diário de Anne Frank” e “A Vida é Bela”. Dias depois:

- Mãe, eu sou descendente de alemão e, se eu morasse lá, e fosse a guerra, será que eu seria nazista?

- Meu amor, se você está se questionando sobre isso, muito provavelmente saberia de que lado ficar.

Algumas semanas depois:

- Mas mãe, judeu não é gente? Como alguém fez aquilo com eles?

- Meu amor, no Brasil vivemos coisas parecidas. Passamos 300 anos escravizando os negros. Eles trabalhavam acorrentados, apanhavam se fizessem alguma coisa que desagradava o patrão. Tinham filhos e eram separados dos pais. Eram vendidos, trocados como se fossem mercadoria. Mas eles nunca se conformaram. Eles lutaram, muitos fugiram, eles nunca aceitaram.

---

<sup>5</sup> Por mais que eu corrigisse ele não conseguia falar judeus.



## 08 anos

Conversa em família.

- Anda, bebê, a mãe já chamou!

- Eliane, ele já é um mocinho, não tem que chamar de bebê!

- Vó, ela faz isso por dois motivos: porque acredita que eu não cresci e pra me irrrrrriiiiiitar.

Diálogo entre Raul e Pedro, antes do futebol de sabão.

Raul diz:

- Cara, eles colocaram água sanitária no futebol de sabão.

Pedro responde:

- Tá louco, cara? Não é água de privada não.

- Mãe, eu não quero te ofender, mas você não acha que tá um pouco velha pra rebolar.

- Quem não gosta desse som, não tem apetite para música.

Hoje tivemos um imprevisto e Pedro foi para a universidade comigo. Chegando no hall do bloco, ele viu vários alunos com celulares na mão, então questionou.

- Mãe seus alunos trazem celular pra aula?

- Sim.

- Por quê?
  - Não sei. Todo mundo usa celular o tempo todo, então eles também usam.
  - Mas não é pra uma atividade da escola?
  - Não.
- 5 minutos depois:
- Já sei. Eles trazem o celular pra ligar pra mãe deles, pra ela vir buscar quando eles terminam com a namorada.

- Mãe, eu acho que a Tia Lu chama Tia Luciana.
- Eu acho não, meu filho, ela se chama Luciana.
  - Você sabia?
  - Sabia, você não?
- Não. Eu achei que ela chamava Tia Lu.

Pedro ensaiando uma Encantada (cantada)

- Garota, sei que você não é sangue, mas atravessou meu coração.

- Mãe, como a vó fez pra ficar doente?
- Meu filho, não dá pra saber. Às vezes as células adoecem sem que a gente saiba como.
  - Entendi, as células dela ficaram verdes.
  - Verdes? Eu não entendi.
- Eu vi num filme. Quando as células estão azuis, estão boas, verdes estão doentes e vermelhas com muita raiva.

- Pai, você sabia que eu não sou gordo, eu sou fofo?
- Quando você era bebê, era gordinho.
- Não, sempre fui fofo. As meninas correm atrás de mim na escola dizendo que sou fofo. Às vezes sinto inveja de mim mesmo, de tanta fofura.

Conversando com a avó

- Eu tenho sim um irmão de coração, o Henrique<sup>6</sup>.
- Eu já falei pra sua mãe adotar uma menininha, assim, você ia ter uma irmãzinha de coração.
- Não mesmo. Se a minha mãe adotar uma menina, ela vai ser minha irmã de verdade e não de coração.
- Atchimm!
- Vai com Deus.
- Credo, Pedro, achei que as pessoas ainda dissessem saúde.
- Dizem. Mas eu achei que você tava morrendo e não espirrando.

- Mãe, venha assistir esse desenho comigo. Você vai ver, tem a borboleta preta e a branca, a preta é uma borboleta sombria e a branca é boa. Aí o personagem principal vai tocar ela e ela vai virar uma borboleta branca boa. Pera!!! Esse desenho é meio racista, né?!

---

<sup>6</sup> Henrique é amigo-irmão. Ele e Pedro estudam juntos desde os 3 anos.



## 09 anos

- Essa semana teve uma eleição na escola. A gente tinha que votar no melhor escritor. Eu votei no Monteiro Lobato porque eu amo as histórias da Turma da Mônica.

Cena: A mãe do Daniel Sam ligou para falar com o filho. Telefone, estilo antigo com botão de discagem do tipo giratório. Ela está em outra cidade ajudando um tio doente (Karate Kid 3).

- Eu não sabia que a mãe do Daniel Sam era enfermeira!

- Ela não é. Ela está apenas ajudando o tio.

- Mas, então, por que ela estava com um aparelho de reanimação cardíaca na mão?

- A tabuada é igual à calculadora, só que não tem todos os números do mundo.

Eu e Pedro conversamos sobre as bolachas recheadas. O médico havia explicado que ele estava engordando e, se não melhorasse a alimentação, precisaria fazer regime.

Dias depois, assistindo ao jornal, ele ouviu que Lula já tinha direito ao regime aberto.

- Coitado do Lula, né, mãe?! Mesmo preso, vai ter que fazer regime e a culpa nem deve ser das bolachas recheadas.



## Perguntas ou respostas

Eu quero contar que nossas conversas, nosso tempo juntos, nossos filmes, me ajudaram a me manter saudável. Você quebra a rotina e o cansaço de trabalho, você me convida para brincar, para dançar, para pintar e me faz rir.

Tem dias que você acorda energético ou cheio de alergia da casa e fala coisas muito engraçadas.

- Mãe, meu corpo amanheceu tão agitado que eu sei: quando eu voltar à escola ninguém vai me suportar.

- Mãe, eu tô tão energético que se eu segurar meu celular, ele carrega.

- Mãe, eu não tô suportando a nossa casa. Tô com alergia de casa.  
10 anos e 10 meses

Cada uma dessas frases me arranca risadas. Que bom que tenho você e posso rir muito. Você é leve, alegre, amoroso.

Mas tem dias que faz conversas intensas. Uma dessas conversas aconteceu assistindo à série "Friends". Phoebe aceitou o pedido do irmão e da cunhada, e se tornou barriga solidária. Já conversamos sobre inseminação artificial, então foi fácil. Alguns episódios depois, Phoebe descobre que está grávida de trigêmeos. O irmão está desempregado e cursando faculdade, a cunhada é professora de costura, ao receberem a notícia há um misto de felicidade e preocupação. E você decidiu ajudar.

- Se eu fosse ele, eu ficaria com um filho e daria os outros dois.  
Um eu dava pra Phoebe e o outro pra quem quisesse.

- Você acha que essa é a solução? Não tem jeito de ficar com os filhos?

- Como? Eles são pobres. Três crianças é demais.

- E como você escolheria um filho pra ficar com você?  
Ele riu e disse: - No uni duni tê.
- E como você se sentiria sabendo que tem outros filhos e não sabe como estão?
- Não pensei nisso. Acho que me sentiria mal. Mas, mãe, como cuidar de três com tão pouco dinheiro? Espera, sua mãe era costureira e seu pai era o que mesmo?
- Meu pai era marceneiro, fazia portas e janelas.
- Como a vó conseguiu? Ela teve três filhos! (suspiros). Já sei, ela costurava as roupas de vocês e seu pai fazia os brinquedos.
- Isso é um pouco verdade.
- Então, daí sobrava dinheiro pra comida.
- Que tal a gente ligar pra vó e perguntar se era isso mesmo?

Depois de contar para a avó o motivo da ligação, ele perguntou:

- Vó, como você deu conta?
- Primeiro eu não fiz isso sozinha, eu tinha o pai deles junto. Mas era outro tempo, as pessoas pobres compravam roupas uma vez por ano e brinquedos só no natal. Não faltava comida, a gente era pobre, mas se eu comparar com a minha mãe, a gente estava bem melhor, a gente era quase rico. Hoje vocês têm mais conforto ainda, a vida é mais fácil.
- Quantos filhos a sua mãe teve, vó?
- Sete.
- Mãe, as famílias estão diminuindo. De sete, pra três, pra um  
Conversamos mais um pouco e encerramos a ligação.
- E daí, você ficou satisfeito?
- Não sei. Achei difícil ter muitos filhos, muito caro. Mas eu entendi que dá pra viver com menos brinquedos. Entendi que a gente precisa agradecer a vida que tem.
- Será que cuidar de filhos é só isso?
- Você sempre complica as conversas com perguntas difíceis e eu só queria assistir "Friends". Não sei o que é ter filhos, eu não

tenho. Não sei se vou doar meus filhos. Mas sei que você não pode me convencer a nada, porque a vida é minha. E cada um cuida da sua vida.

À noite:

- Pedro, eu quero assistir o documentário sobre a Michele Obama. Você pode escovar seus dentes e já ir indo para a cama.

- Ela é Obama, por quê?

- Porque é casada com Barack Obama, o ex-presidente dos EUA.

- Se ela separar dele, ela continua sendo Obama?

- Não. Quando se separam, as mulheres retomam seus nomes de solteira. Na verdade, hoje em dia, muitas mulheres se casam e mantêm seus nomes de solteira. Tá, vai escovar os dentes e me deixa assistir ao filme.

- Mas porque você quer assistir sobre a vida dela? Ela é importante?

- Claro. Ela e ele foram os negros mais importantes dos EUA por oito anos e isso sozinho já é importantíssimo. A história dela ajuda as pessoas a acreditarem que cada história é importante, cada vida, independente da cor, é importante. Além disso, ele foi um grande presidente apesar de não ter conseguido fazer tudo o que queria e deveria.

- Por que ele não fez, se ele ficou lá por oito anos?

- Porque o presidente precisa de vários deputados para conseguir aprovar uma lei e nem sempre sai do jeito que ele deseja.

- Por que ele não demite os deputados?

- Aqui no Brasil, por exemplo, eles foram eleitos pelo voto do povo e só podem ser demitidos se cometerem crimes.

- Assim fica difícil ser presidente.

- Sim, às vezes fica. Mas, ao mesmo tempo, essas pessoas ou esses diferentes poderes nos protegem de um presidente ruim, perigoso.

- Se essa é a função deles, porque ninguém faz nada com o Bolsonaro?

- Você acha que eu tenho todas as respostas?

- Deveria, você é uma professora (risos). Vou deixar você assistir seu filme, eu sei que eu pergunto demais.

Meu bem, nossa vida é feita de perguntas. Muitas perguntas. Eu acredito que boas perguntas são mais importantes que respostas. Na verdade, na maioria das vezes nem precisamos de respostas, precisamos pensar sobre as perguntas, precisamos desestabilizar nossas verdades. Ninguém tem todas as respostas e acho isso bom. Eu sei que você ainda não tem filhos, afinal, você tem apenas 10 anos. Mas quando, e se, essa hora chegar, você vai ter direito de decidir o que fazer, mas sua decisão será mais sua se pensar muito sobre todas as possibilidades e consequências. Eu espero, até lá, conseguir me manter atenta para não me meter nas suas decisões, apenas acompanhar e ajudar quando precisar. Aprenda sempre a se questionar. Seja crítico sobre tudo que vê, tudo que ouve, tudo que te fizeram acreditar.

- Mãe!

- Por que a gente fala COSTAS se a gente só tem uma?

- Por que a galinha MARICELA põe ovos sem parar?

- Por que as roupas têm etiquetas?

- O que é claramente?

- Quando você tinha 4 anos a sua mãe era a mesma que você tem hoje?

- Se gato não come cabelo. Quem come cabelo?

- Por que debaixo da água não tem ar?

- Por que o sol esquenta e a sombra esfria?

- Por que na água a gente parece mais leve, mas a água parece pesada no braço?

- Mãe, quando você era criança, quem era sua mãe?

- Quando eu crescer você ainda vai ser minha mãe?

- As meninas quando crescem, viram adolescentes ou adolescentas?

- Por que a sombra imita a gente?

- Por que a gente tem língua?

- Posso ser o motoqueiro fantasma quando crescer?

- Por que essa gripe faz doer até a minha boca do céu?
- Por que a máquina anda?
- Por onde os filhos saem?
- Por que o papel voa?
- Por que o esse vaso é solitário?

Sobre o que mais quer conversar?

- Mãe, o que é sexo?  
(Um minuto de silêncio)
- O que você sabe sobre sexo?
- Mãe, eu não sei nada. Eu li na página 381 do meu dicionário,  
mas não entendi nada.  
09 anos



## 10 anos

Conversa sobre pelos, bigodes e fedores.

- Algum amiguinho já usa desodorante?
- Acho que não. Talvez o Léo, porque o pai dele é médico e entende tudo dessas paranoias da vida.

Conversa entre Pedro e Maitê.

- O que é *homo sapiens*, Pedro?
- É a primeira evolução do homem. Quando nós deixamos de ser macaco, a gente virou *homo sapiens*. Mas depois a gente evoluiu muito mais e viramos o *homo sapiens sapiens*, que é o humano de hoje, superinteligente.
- Meu! Então as professoras são *homo sapiens sapiens sapiens*, porque não tem ninguém mais inteligente que as professoras.

No carro no caminho de volta da escola, ele ouve uma propaganda de motel.

- Mãe, o cara falou motel, mas deve ser hotel, né?
- Não, é motel mesmo.
- E o que é motel, então?
- Motel é igual ao hotel, mas as pessoas vão lá pra fazer sexo. Você está tendo aula sobre sexo na escola, né?!
- Entendi, as pessoas vão lá pra fazer filhos.
- Não necessariamente. Elas vão pra fazer sexo. Nem sempre se faz sexo pra fazer filhos. Você sabe o que é sexo?
- Não.
- Quer que eu explique?
- Acho melhor não. Deixa pro ano que vem. Se eu tiver dúvidas, eu te pergunto.

- Mãe, você é uma pessoa de muita sorte.

- Eu sei.

- Você é mesmo! Afinal, não é qualquer um que tem um filho como eu. Pra ter um filho assim, só com muita sorte.

- Mãe, na aula de natação o professor mandou a gente acelerar. Aí eu disse pra menina da minha frente: "Vai! O professor tá mandando ir". Ela ficou brava e me chamou de machista e disse: "Comigo você não fala assim, seu machista, eu sou feminista". Eu não entendi. O que é machista?

- É tanta coisa, vou resumir dizendo que é quando um homem se acha melhor que uma mulher e acha que pode mandar nas mulheres.

- Eu não sou assim. E feminista mãe, o que é?

- Quando a gente acredita que homens e mulheres têm direitos iguais, que são merecedores das mesmas coisas.

- Então eu sou feminista, eu acho que somos todos iguais. E aquela guria é ridícula. Porque no mínimo toda mulher devia ser feminista, não precisa ficar avisaaaando, eu sou feminista.

Ouvindo Blitz no carro. "Eu me amo, eu me adoro, eu não consigo viver sem mim".

- Achei essa música ridícula! É impossível viver sem mim.

- Eu adoro essa música, filho. Ela é pra pessoas como você que tem autoestima elevada.

- O que é autoestima?

- É quando você se ama, se acha lindo, se acha inteligente.

- Mããe, você está muito enganada. E não acho nada disso de mim. Eu sou tudo isso. Mas agora eu entendi e vou cantar a minha música mais alto: Eu me amo, eu me adoro, eu não consigo viver sem mim.

- Mãe, hoje a professora de história veio para a escola com uma camiseta cheia de frases machistas. Ela disse que muitas mulheres sofrem violência e ficam machucadas por fora, mas outras ficam machucadas por dentro.

- Isso que a professora fez foi muito bonito. Foi um ato político. Discutir violência contra a mulher perto do Dia da Mulher.

- A gente falou que homem não pode bater em mulher. Eu já sabia da Lei Maria da Penha, mas acho que mulher também não pode bater em homem.

- De fato, mulher também não pode bater em homem. Mas, vamos imaginar que isso acontecesse com você. Por exemplo, se você tiver uns 16 anos e sua namorada te der um tapa na cara, o que você vai fazer?

- Respiro fundo e digo: “Chega, querida, o namoro acabou”. Credo, se eu vou namorar uma menina estressada assim!

Jogando videogame.

- Mãe, esse lego é pra 10 anos, tá. Mas ele fala umas palavras meio feias.

- É? Qual?

- Bocó.

- Mãe, qual o personagem de Harry Potter você se identifica?

- Severus Snape.

- Não, mãe, eu não falei na aparência.



## 11 anos

Veio mostrar os comentários de um vídeo no YouTube. O vídeo não tinha nada importante, mas em um comentário o cara falava em fazer anal.

- Mãe, ele tá falando daquele exame que põe uma câmera no cu.

- Na verdade, não. Ele está fazendo um comentário sobre sexo anal. É um comentário pejorativo para menosprezar homens gays e muitas vezes pode vir acompanhado de pornografia que ainda não é adequada para você.

- Mãe, você acaba com toda a poesia. Agora vai me falar que sexo é bom, só precisa de idade certa, responsabilidade e consentimento.

- Ei! Você não pode falar assim de mim. A regra é clara, não fale mal da sua mãe.

- Mãe, eu conheço a regra e ela diz: não deixe ninguém falar mal da sua mãe, além de você.

- *Ai se eu te pego, ai ai se eu te pego*. Nunca entendi essa música!

- Não? Quer dizer: ai se eu consigo transar com você.

- Credo, mãe! Você nunca devia traduzir a poesia da música, porque você acaba com ela. E você nunca devia me deixar cantar algo sem saber o que é. Ai!!!!!!! Mais um grande paradoxo na vida.

- Pior que fazer aula em casa é ter que acordar para fazer aula em casa.

- O melhor dessa quarentena é poder ficar com o mesmo pijama por 15 dias.

- A partir de hoje, eu faço almoço e você lava a louça, ok?!

- Pode ser. Você tem que me ensinar.

- Eu te ensino.

Quatro dias depois:

- Mãe, eu não quero lavar a louça hoje.

- Não é questão de querer, querido, é obrigação. Se eu tenho que fazer comida todo dia, você tem que lavar a louça.

- Por favor, me ensina a cozinhar, tô achando um saco esse negócio de lavação.

Dias depois decidi ampliar a aprendizagem:

- Pedro, hoje é dia de faxina. Eu vou aspirar e tirar o pó das coisas e você passa pano úmido no chão. Ou você prefere aspirar?

- Você sabe que eu detestei aspirar, eu prefiro passar o pano.

- Mas hoje vou fazer faxina nos banheiros. Então, venha comigo, eu vou limpar meu banheiro e você vai ver como é. Depois você limpa o seu.

Depois da faxina:

- Mãe, esse negócio de ser mãe é muito difícil. Muito trabalho.

Muito cansativo. Não sei como as mães conseguem.

Um pouco depois:

- Coisa boa a gente entrar no banheiro, sentir esse cheiro bom e ainda saber que foi a gente que limpou, dá até uma felicidade.

- Mãe, em julho a gente vai ter férias?
- Não sei. Não sei o que vai acontecer até lá.
- Mas se o isolamento acabar, você acha que vamos ter férias?
- Talvez. Como você está tendo aulas online, provavelmente o retorno vai permitir que você tenha férias.
- Não são todas as crianças que estão tendo aulas online?
- Não, bem longe disso. Muitas crianças não têm recursos para ter aula online. Algumas não têm computador, outras não têm internet.
- É, eu não posso esquecer nunca dos meus privilégios.

Alguns dias depois:

- Pedro, vamos colocar as máscaras. A gente vai até a mercearia e compra umas coisinhas gostosas para comer amanhã.
- A gente não está precisando de nada. A gente não precisa gastar.
- Vamos, filho. Amanhã é Páscoa .
- Não quero.

Uns minutos depois:

- Mãe, como você vai receber seu salário se você não está trabalhando? Você vai precisar pedir ajuda pro presidente? Você vai receber aqueles R\$600?
- Não. A mamãe não vai precisar disso.

- Mãe, se o Emerson e o Adriano adotarem um filho, quem será o pai e quem será a mãe?
- Querido, se eles adotarem, esse filho terá dois pais e nenhuma mãe.
- Entendi. E o Pabllo Vittar, se ele adotar um filho, ele vai ser um pai ou uma mãe?
- Ele vai ser o que ele quiser.
- É mesmo, a gente pode ser o que quiser!

- Pedro, vem comer uma bolachinha. Acabei de tirar do forno.
- Isso aí é bolacha fake. Eu quero é bolacha raiz. Aquela que aumenta o colesterol e entope as veias.

## 12 anos

Hoje caminhamos na praia e o desafio era conversar através de frases aleatórias e com rimas, inspirados em coisas que víamos:

- Essa praia tem muito carnaval e todos tocam berimbau.
- Por que aquele cara põe pantufas macias para tomar banho na bacia?
- Por que nessa água tem amaciante que faz você ficar bêbado em um instante?
- Essa moça e seu cachorro anão gostam de comer pão.
- As pessoas com a máscara no queixo merecem um beliscão de um caranguejo.
- As pessoas no balanço gostam de dançar como um tanço.
- As crianças brincando com baldinho parecem aquelas pessoas que fazem a propaganda do Toddyinho.
- A deusa Atenas odiava cosquinha, principalmente quando usavam penas.
- O moço se exercitando sozinho, queria mesmo era estar no parquinho.
- Aquele casal de namorados é deprimente, ele é muito alto, ela não tem dentes.
- O menino toca berimbau enquanto usa o vaso no espaço sideral.
- Cor de rosa é o céu, igual o cabelo da Rapunzel.
- Aquela mulher se chama Vana mas parece a Jana.
- O som do mar é estranho como a fala daquela pessoa com cabelo castanho.
- A pedrinha caiu da boca da águia em cima do Niágara.
- Os Vikings foram para o polo norte procurar o Papai Noel, mas não tiveram sorte.
- O balanço vai e vem como choro de neném.
- Eu tenho ranço de balanço.

- Mãe, hoje eu vou dormir com você!
- Não mesmo. Você tem seu quarto e essa cama é só minha.
- Mãe, abandone seu egoísmo. Isso não te faz bem.

- Eu tô ficando expert nesse tipo de almoço.
- Tu ou eu?
- Eu. Não fui eu quem fez o almoço?
- Foi. É que tu falou eu, aí pensei em mim e não em ti.
- Pedro, eu sou eu, tu é tu. Já falei que o cordão umbilical foi cortado no minuto do teu nascimento.
- Eu sei. Essa é a história mais triste da minha vida.

- Mãe, me dá um balão que eu quero brincar no banho.
- Tu só tens tamanho, né?!
- Sim, só tenho tamanho e nenhuma dignidade.

Aula online:

- Mãe, a professora de português tem 50 anos. Corre aqui. Vem ver. Ela tá bem melhor que você.

- A pandemia é um negócio cansativo, né?! Eu sei que você não se importa, porque já sobreviveu à peste negra, à gripe espanhola, mas, Jesus que negócio cansativo!

## Amor

Que orgulho tenho de ser sua mãe.

A gente morou perto da praia. Na época, eu trabalhava no SUS e era professora em uma faculdade de psicologia. Apesar da correria e das dificuldades, a gente era privilegiado por morar em um lugar bonito, experimentar coisas diferentes.



Essa foto nós tiramos na Praia Alegre em Penha/SC.

Era dia 27 de novembro de 2010 e você correu para recolher um coco largado por outra pessoa na praia. Você tinha apenas 1 ano e 6 meses e carregou o coco até a lixeira. E depois desse feito, você disse:

- Eu sou inkível, mamãe!

Sim meu bem, você é incrível.

Claro que você elogiava sua força, mas eu elogio aqui o menino. Eu me esforço muito para que você permaneça se sentindo incrível. Vivemos um mundo honestamente difícil. As pessoas não são tão boas como a gente queria ou precisava.

Nessa época, eu era psicóloga infantil e atendia crianças um pouco maiores que você, com histórias bem sofridas. Elas se sentiam mal

com quase tudo o que faziam. As meninas ainda mais que os meninos.

Eu me esforço diariamente para que nossas experiências te permitam se amar. Eu espero sinceramente que meu esforço com você tenha resultados. Ele não acontece com palavras apenas. Não basta dizer que você é bonito ou inteligente, é preciso que o toque, que o afeto, que as experiências vividas te impulsionem a gostar de você mesmo.

Agora você já tem 13 anos e eu escrevo sobre isso porque esses dias voltei do trabalho exausta. Destruída. Meu corpo inteiro doía. Eu terminei o dia com um atendimento clínico (parte de uma disciplina de Introdução à Clínica) de um adolescente com queixa de agressividade e nossa conversa evidenciou uma vida de violência, uma vida cujo amor vem sempre associado a um pedido de desculpas, um amor violento. Quando ele pensa em amor, pensa nas despesas, no pão de cada dia que a família põe na mesa. Esse mesmo menino-adolescente não se vê como sujeito passível de ser amado. Um sujeito sem qualidades.

Eu dormi cedo e hoje acordei saudosa.

E decidi perguntar se você sabia que era amado. Pedi que me contasse em quais momentos da vida eu evidenciava meu amor. Momentos que não estivessem relacionados a dinheiro.

E você me disse:

Eu sei que você me ama quando você diz que me ama.

Quando você me cobre na cama e diz boa noite.

Quando você tem esperança em mim.

Você sempre acha que eu vou dar conta, mesmo quando eu acho que não.

Você torce por mim.

Quando você me acha lindo e me enche de elogios.

Quando eu saio e você pede pra eu te contar se está tudo bem no lugar, se cheguei bem.

Quando você me leva pra um compromisso meu e diz que vem me buscar tal hora, mas que, se eu precisar, você vem antes ou pode vir depois, aí me sinto protegido.

Quando você me cobra a hora de dormir pra eu ter responsabilidade.

Quando briga porque estudei pouco e não fui bem na prova.

Quando diz: “eu não gostei do que você fez” e, vendo minha cara de tristeza, diz que mesmo assim me ama.

Quando eu desisto das coisas que eu começo e você se chateia, mas me apoia.

Quando você faz as tarefas difíceis comigo.

Quando estuda comigo ou me escuta contar sobre o que estudei.

Quando a gente ri junto.

Quando você lia e ainda lê pra mim.

Quando a gente tem esse tipo de conversa e a gente conversa sobre qualquer coisa e eu sei que posso contar qualquer coisa, porque mesmo te chateando você ainda me apoia.

Eu te amo, mãe, e eu sei todo dia que você me ama.

O que é o amor, se não for para te fazer um sujeito melhor, para te mostrar que você pode mais? Para te apoiar nas suas decisões, mesmo que elas não sejam do jeito que o outro imaginou. O amor acontece quando você assiste a um filme, lê um livro, se delicia com o pôr do sol e quer compartilhar. O amor te faz enxergar qualidades que você não sabia que tinha, mas passa a ter certeza delas.

Eu vou dormir melhor hoje do que ontem, mas ainda não tirei o menino-adolescente da minha cabeça. Sei que maternar é um exercício diário e difícil. Sei que ser mãe solo é uma tarefa exaustiva e que pessoas como eu têm privilégios que outras mães não têm. Mas amor não pode combinar com violência quando o assunto é educar.

É preciso pensar em como transformar meninos em homens afetuosos e não homens agressivos.



## 13 anos

- Pedro, pega um Dorflex pra mãe. Eu estou com muita dor de cabeça.
- Uma coisa que eu sempre quis saber, é como o Dorflex sabe onde é sua dor? Como ele faz pra saber se a dor é na cabeça ou no pé?
- Pedro, passa um creminho nas mãos e nos cotovelos.
- Mãe, ninguém olha para os cotovelos. Pra que passar creme?
- Lógica perfeita. Mas como você explica todo mundo olhar para os cabelos e você nunca penteá-los?
- O cabelo despenteado é meu charme natural.

- Mãe, você é uma gênia!

- Opa! Depois desse elogio vou trocar meu Instagram para mãe-gênia.
- Lembre-se. Essa frase é tipo aquela: “minha mãe me acha lindo, então eu devo ser”. Essas frases valem menos.

Assistindo filme:

- Por que esse povo de Hollywood se ajoelha para conversar com as crianças?
- Pra ficarem da mesma altura. Assim eles olham no olho da criança. Quando você fala com uma criança de pé, pode parecer muito autoritário, mais cruel, afinal o adulto é bem mais alto.
- Você fazia isso comigo?
- Na maioria das vezes. Principalmente quando ia chamar sua atenção por alguma coisa errada.

- É. Daqui a pouquinho eu que terei que me abaixar pra falar com  
você.

- Você acha que eu sou uma boa mãe?

- Não se preocupe, eu sou um excelente filho.

- Mãe, sabe a sandália de Jesus?

- Não.

- Claro que sabe. Muita gente usa, tem tiras. Emerson usa.

- Sandália Franciscana.

## 14 anos

- Você tem noção que amanhã é seu último dia de férias? Logo já recomeçam as aulas.
- Sim. Eu adoro o primeiro dia. Você precisa se apresentar, aí você planeja tudo na sua cabeça, prepara aquele discurso lindo para emocionar a galera e, na hora H, gagueja e não fala nada com nada.
  
- Mãe, você preferiria ser rica ou ter a minha alegria?
  - Ter a sua alegria, é claro.
- Escolha errada, porque se você fosse bem rica eu seria mais alegre ainda.
  
- O bom de ser seu filho é que você sempre termina uma bronca com uma piada e daí, ao invés de eu ficar chateado com a bronca, eu rio.
  
- Pode parar que você está errado e não vai me convencer do contrário.
  - Ok, não vou mais discutir.
  - Claro, você não tem argumentos.
- Mãe, argumentos eu sempre tenho, a questão é que sei que, nesse caso, eles são bem frágeis.

- Mãe, você é uma mulher de muita sorte. Vive na era da tecnologia, mas já pôde conviver com os dinossauros e os homens da caverna. Já afiou os dentes com gravetos e agora, tá aqui, mexendo no celular.

- Mãe, essa semana é teu aniversário né?! O que eu compro de presente?

- Nada, não precisa comprar nada.

- Eu vi que teu pé de pimentão morreu.

- Pera! Tu não queres me dar um pé de pimentão, não, né?!

- Ah sabia, não queria nada, agora quer escolher o presente.

- Mãe, que som é esse?

- The Cure.

- Que fase estranha essa sua, né. Volta a ouvir Belchior, Djavan, King of Convenience, Caetano, sei lá. Você está andando em más companhias, pode ter certeza.

- Pedro, convidaram a gente para almoçar, você topa?

- Acho melhor não. A gente já tem um café da tarde marcado, aí vou ter que ser simpático o dia todo.

- Mãe, que carinha é essa?

- É tudo. Um pouco de cansaço, dor e dúvidas existenciais.

- Então descansa e toma um remédio. O cansaço e a dor tem como resolver. As dúvidas existenciais não, afinal, você é de câncer com ascendente em gêmeos.

- Pedro, se eu fizer academia no mesmo horário que o seu, vai ser um problema?

- Claro que não! Sua existência não me envergonha. Mas você precisa prometer que não vai me chamar de BB.

- Você poderia, gentilmente, parar de me criticar?

- Mãe, eu sou teu filho adolescente. Te criticar é meu esporte favorito.

- Por que você quer fazer aulas de teatro?

- Para perder a timidez e continuar rindo de mim mesmo, mesmo depois de adulto.



## 15 anos

- Pedro, chamaram a gente para almoçar.
- Não vou.
- Ui. Nem me deixou terminar de falar. Ontem já sai e te deixei sozinho. Hoje, então, não vou, porque você não quer ir. Não vou te deixar sozinho.
- Ai, coitadinho, tudo que um adolescente não quer é ficar sozinho.

- Eu não vou fazer esse exercício, muito chato!
- Mãe, eu já te expliquei. A tendência para 2024 é uva verde e bumbum durinho.

- Pedro, acho importante a gente conversar sobre coisas ruins também. Então, se acontecer alguma coisa comigo lá em Barcelona, como você vai resolver?
- Que tipo de coisa?
- Qualquer coisa! Ficar doente, passar mal, morrer.
- Mãe, você não pode morrer aqui, quem dirá lá!
- Ok, não posso, mas e se?
- Se você morrer aqui, vou chamar meu pai pra me buscar e vou embora com ele, porque não tenho como me sustentar.
- Antes de ir, vocês precisam colocar o apto à venda, ir à UFU resolver sua pensão.
- Pera! Eu tenho direito a pensão?
- Sim, até os 25 anos, se estiver na faculdade.

- Então vou fazer diferente: vou ligar pro pai e avisar, “a mãe morreu, mas eu tenho direito a pensão, vou ficar no apartamento e morar sozinho”.

- E se acontecer lá em Barcelona?

- Vou ligar pro pai e avisar. Vou pegar seu cartão e comprar uma passagem de volta. Meu passaporte me permite viajar sozinho. Volto e moro sozinho aqui em Uberlândia. E vejo com o pai o que fazer com você morta em Barcelona.

Fomos à praia.

Duas frases dele pra hoje:

- Mãe, tem um homem nu! Vim pra Barcelona ver pau!

- Nunca pensei que a imagem do primeiro mundo seria os peitos de uma idosa.

Fui contar que Emerson foi a São Paulo para renovar o visto americano.

- O que o Justin Bieber da Psicologia vai fazer nos EUA?

- Não lembro, mas acho que vai dar uma palestra.

- Uou! Então ele é mesmo famoso! Minha mãe tem um amigo famoso, chique isso.

Horas depois:

- Aqui até é bonito, mas não é a melhor cidade do mundo (Uberlândia), nem é o melhor clube do mundo (Praia Clube) cortado pelo melhor rio do mundo (Uberabinha) e nem tem o Justin Bieber da Psicologia. Falta um pouquinho pra esse lugar ficar bom.

No início do ano na escola no Brasil, a professora os dividiu em grupos e começaram um trabalho que vão entregando aos poucos, até o fim do ano.

É uma revista digital. O tema do grupo do Pedro, futebol.

Ele fez as atividades do primeiro e segundo bimestres e, ok, viajamos. Hoje, vejo ele concentrado trabalhando e discutindo via

WhatsApp com os colegas:

- O que tu tá fazendo filho?

- Terminando uma parte do trabalho em grupo que temos que entregar, do terceiro bimestre.

- Mas, tu tá fazendo por que se tu não estudas mais lá?

- O que? Tu achou que eu ia deixar os camaradas na mão?

- A arquitetura é a mais bonita das artes.

- Mãe, hoje na escola a guria disse que tava apaixonada por mim.

- E o que tu fez?

- Disse: "Gracias"

Conversando com a avó.

- Vó, ela quer comprar essa alpargata. Feia de doer. E ela reclama que eu não quero que ela compre. Ela não entende que eu tô protegendo ela de passar vergonha.

- Essa tua mãe anda meio hiponga né, Pedro?!

- Ela anda assim alternativa.

Em Barcelona, apartamento pequeno, dividindo quarto.

- Tu não achas que essa tua cama, tá muito perto da minha? Quero só ver, quando voltarmos para casa, tu com medinho de dormir sozinho.

- Mãe, eu quero ficar um ano inteiro sem falar contigo. Muita intimidade para um ano só.

Pedro chegou da escola bem sensibilizado.

Um colega perguntou como ele tinha dentes tão arrumados. Ele explicou que havia usado aparelho ortodôntico. O amigo imediatamente exclamou: Ah! Então você é muito rico!

- Mãe, eu estudei a vida inteira em escola particular, nunca pensei que corrigir os dentes fosse um privilégio. Todos os meus amigos têm os dentes corrigidos. Agora, nessa escola que estou, a maioria dos meninos da minha idade não tem, para eles isso é um luxo.

Mãe se eu que tenho você pra conversar, nunca entendi desigualdade social até frequentar essa escola pública, como meus amigos que de fato são ricos vão entender, como eles vão educar os filhos deles pra respeitar os outros, pra ser a favor de cotas?

Como! Se só hoje eu entendi que era diferente porque tenho dentes retos?

- Pedro, vamos caminhar?

- Vamos. Vou me arrumar.

- Não precisa se arrumar! É só uma caminhadinha. Eu vou de moleto mesmo.

- Por isso que vou me arrumar, afinal, alguém precisa investir na beleza.

## Último registro no diário de conversas mãe e filho

- Mãe, você acha que os fetiches, na hora do sexo, são saudáveis?
- Como você lidaria com um cara que quer que você faça coisas diferentes?
- Você transa no primeiro encontro?
- Você faria alguma coisa no sexo pra agradar, mesmo que você não quisesse?

Agora você tem 15 anos e nossas conversas, à medida que você foi crescendo, ficaram intensas de jeitos diferentes. Às vezes falamos do mundo, da desigualdade social, de amor e de separação, sobre a escolha da profissão, sobre mercado de trabalho e sobre as muitas angústias da adolescência.

Você me pergunta coisas da vida e eu vou um pouco respondendo, outro pouco perguntando mais e tentando te fazer descobrir tuas próprias respostas.

Nessa nossa última conversa, registrada no diário de conversas de mãe e filho, não foi diferente. Ora eu respondia, ora te fazia mais perguntas. Apenas decidi que seria meu último registro.

Tenho orgulho demais do caminho de confiança e liberdade que nossas conversas nos proporcionam.

Amo estar do teu lado e te ouvir curiosamente questionar a vida.

Amo ser eu a te ajudar a pensar sobre a vida, o que que desejes pensar.

Amo que você não precise da Tia Cleusa para te ensinar certas coisas, apesar de que ela o faria ainda com um sorriso enorme no rosto.



- Mãe, tu já pensou em escrever tua autobiografia?

- Não. O que eu colocaria nela?

- Não sei os detalhes, mas acho que deverias começar com: Tenho  
o melhor filho do mundo.

09 anos

Agradecimentos aos amigos que insistentemente perguntavam  
quando o diário se tornaria livro.

O livro "Entre palavras e afetos", é um relato íntimo sobre a maternidade e a relação entre mãe e filho, marcada por conversas profundas, momentos de aprendizado e laços afetivos. São reflexões sensíveis que atravessam 15 anos de diálogos com o filho Pedro. A obra reúne fragmentos do cotidiano e questionamentos sobre amor, liberdade, ética, e um "fazer virar gente" que revelam a beleza da maternidade, escrita como um presente para o filho e para quem valoriza encontros transformadores.